



“Corpo Negro, Corpo Em Risco”: Uma Leitura das Complexas Relações Raciais em *O Averso da Pele*, de Jeferson Tenório

Francisca Luana Rolim Abrantes¹, Risonelha de Sousa Lins²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as complexas relações raciais configuradas no romance *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, a partir de um estudo crítico-interpretativo. Os questionamentos que motivaram a nossa pesquisa foram: a) De que forma os sujeitos negros são representados na narrativa em questão? b) Como os personagens principais lidam com as complexas relações raciais? Para embasar a nossa pesquisa, utilizamos os estudos de Almeida (2019), Bourdieu (2001), Dalcastagnè (2008), Ribeiro (2019), entre outros. Como resultado, percebemos que a obra em destaque denuncia não só os discursos racistas associados ao corpo do negro e aos estereótipos difundidos pelas ideologias de classe, mas também leva o leitor a refletir sobre as intrincadas relações interraciais e a necessidade de enxergar o sujeito negro com olhos livres do preconceito, alimentados pela sociedade.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Relações raciais. *O avesso da pele*. Tenório, Jeferson.

“Blackbody, Body at Risk”: A Reading of the Complex Race Relations in the Reverse of the Skin, by Jeferson Tenório

Abstract: The presente article has how objective to analyze the complex race relations configured in the novel *The reverse of the skin*, by Jeferson Tenório, from a critical-interpretative study. The questions what motivated the our research were: a) How are black subjects represented in the narrative in question? b) How do the main characters deal with complex race relations? To support our research, we used the studies of Almeida (2019), Bourdieu (2001), Dalcastagnè (2008), Ribeiro (2019), among others. As a result, we realize that the featured work denounces not only the racist discourses associated with the black body and the stereotypes spread by class ideologies, but also leads the reader to reflect on the intricate interracial relations and the need to see the black subject with free eyes of prejudice, fed by society.

Keywords: Contemporary literature. Race relations. *The reverse of the skin*. Tenório, Jeferson.

¹ Graduada em Letras/ Português pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB); Mestre e doutoranda em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); E-mail: luana_abrantes@hotmail.com, risonelha@gmail.com;

² Graduada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Mestre e doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), campus- Sousa/PB. E-mail: risonelha@gmail.com.

Introdução

Embora a Literatura busque representar os conflitos humanos de nossa sociedade, percebe-se que ainda há um apagamento dos negros nos romances brasileiros contemporâneos, pois na maior parte das obras literárias esses sujeitos aparecem ora como personagens secundários (não são protagonistas tampouco narradores), ora como imagens estereotipadas (bandidos, prostitutas e domésticas).

Conforme aponta Dalcastagnè (2008, p. 97), essa “ausência de personagens negras na literatura não é apenas um problema político, mas também estético, uma vez que implica na redução da gama de possibilidades de representação”. Daí a necessidade de os autores construírem sujeitos protagonistas negros, atribuindo-lhes o lugar de voz frente às práticas racistas.

A naturalização das desigualdades raciais, que vigora em diferentes espaços, está incutida não só em discursos estereotipados contra os negros, mas também no silenciamento de grupos subalternos, já que eles “não têm direito a voz, por estarem num lugar no qual suas humanidades não foram reconhecidas” (RIBEIRO, 2019, p.74).

Nesse sentido, entendendo a importância da literatura enquanto espaço privilegiado de denúncias das atrocidades e de legitimidade social, esse artigo busca analisar as complexas relações raciais configuradas em *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, a partir de um estudo crítico-interpretativo. Para embasar a nossa pesquisa, utilizamos os estudos de Almeida (2019), Bourdieu (2001), Dalcastagnè (2008), Ribeiro (2019), entre outros. Os questionamentos que motivaram a nossa pesquisa foram: a) De que forma os sujeitos negros são representados na obra em questão? b) Como os personagens principais lidam com as complexas relações raciais?

Jeferson Tenório é uma figura recente no universo das produções literárias, possuindo apenas três romances: *O beijo na parede*, publicado em 2013, *Estela sem Deus*, lançado em 2018 e *O avesso da pele*, uma produção de 2020, que foi aclamada pela crítica como o livro do ano. Através da temática explorada nessas produções ficcionais, nota-se a preferência do autor pela classe desfavorecida e pelas problemáticas ligadas à negritude.

Segundo Scott (2020, Orelha do livro), *O avesso da pele* torna-se uma narrativa de abordagem original por transformar o relato do personagem em “um rito solitário, de tomada do protagonismo da sua própria vida- a vida de um homem inteligente e sensível, inquieto, abalado pelas fraturas existenciais da sua condição de negro em um país racista, um processo

de dor, de acertos de contas”. Desse modo, o narrador, em sua condição de negro, volta-se para expressão da interioridade do sujeito diante da violência naturalizada.

De fato, ao trazer para o centro da trama um personagem, que foge das representações sociais estereotipadas sobre o negro, cuja vida é marcada por diversos preconceitos, o autor acaba apontando a forma como os fatores sociais afetam direta ou indiretamente a subjetividade do indivíduo. Nesse sentido, Tenório leva os leitores “a entender melhor o que é ser negro no Brasil- e o que significa ser branco em uma sociedade racista” (DALCASTAGNÈ, 2008, p.108).

Enfim, refletir sobre as relações raciais a partir de um texto literário é uma forma de combater o preconceito racial, pois como bem ressalta Almeida (2019, p.37), “em um mundo em que a raça define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a resolução das grandes mazelas do mundo”.

Fraturas existenciais do sujeito ficcional em *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório

O avesso da pele, de Jeferson Tenório, conta a história de Henrique, um professor de Literatura, negro, cuja morte é acarretada por uma trágica abordagem policial em razão de ser confundido com um bandido. O romance é narrado a partir das memórias de seu filho Pedro, que tenta refazer os caminhos paternos, em busca do entendimento das consequências do racismo sofrido pelo pai. Essas memórias são reavivadas na mente do narrador através da observação de objetos pessoais, deixados no apartamento do genitor, conforme podemos ver no fragmento a seguir:

Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo o que restou deles me agride ou me conforta, porque são sobras de afeto. Em silêncio, esses mesmos objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero. É com eles que tento descobrir quantas tragédias ainda podemos suportar. Talvez eu deseje chegar a algum tipo de verdade. Não como um ponto de chegada. Mas como um percurso que vasculhe os ambientes e dê início a um quebra-cabeça, um quebra-cabeça que começa atrás da porta da sala, onde encontro um alguidar de argila alaranjada. [...] Olho para tudo isso e percebo que serão esses objetos que vão me ajudar a narrar o que você era antes de partir. Os mesmos utensílios que te derrotam e que agora me contam sobre você. Os objetos serão o teu fantasma a me visitar (TENÓRIO, 2020, p. 13-14).

Por meio desse olhar sensível sobre as coisas, Pedro não só analisa os acontecimentos ligados à morte do pai, mas também considera a carga ideológica que define e arrasta o negro a uma condição diferente dos outros grupos a partir de conceitos que imprimem características inatas e imutáveis associadas à cor da pele. Cabe ressaltar, que a narrativa divide-se em quatro capítulos, a saber: a pele, o avesso, de volta a São Petersburgo e a barca, evidenciando os vários aspectos que compõem a identidade negra do pai diante do estigma social que o aprisiona em um ciclo de desvantagens.

Logo no primeiro capítulo, o narrador mostra tanto os preconceitos sofridos por Henrique, quanto à forma como o racismo invade as relações mais íntimas do sujeito negro. Quando o personagem tinha 14 anos, foi injustamente acusado de roubar um boné por um grupo de adolescentes e, sem a investigação dos fatos, os policiais algemaram-no e o levaram à delegacia. O narrador vivencia o constrangimento do pai ao ser preso, injustamente, como ladrão:

Foi a primeira vez que você sentiu o ferro frio de uma algema nos pulsos. Ao seu redor, pessoas te xingavam e te chamam de ladrão e ainda diziam que daquela você não escaparia. Somente na delegacia as coisas foram esclarecidas: você havia sido confundido com um bandido. (Acharam que você tinha roubado o boné de um daqueles moleques.) (TENÓRIO, 2020, p.17-19).

Nota-se que o personagem foi algemado antes de ser conduzido à delegacia, negando-se-lhe a possibilidade de defender-se. Essa atitude confirma uma ideologia de raças superiores e inferiores na sociedade, a fim de justificar atitudes cruéis e injustas, ao mesmo tempo em que mantém um sistema de privilégios à raça branca, vistos como naturais.

Segundo Ribeiro (2019, p. 8), o racismo funciona como “um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo”, o que implica dizer que os preconceitos contra a população negra são naturalizados no cotidiano, alimentando a desigualdade social e o distanciamento entre os sujeitos brancos e negros.

Nessa mesma cena, Henrique, como instinto de sobrevivência tenta fugir, mas é encontrado pelos policiais que o ameaçam de morte: “*nós vamo te passar, neguim, tu vai morrer agora, neguim*” (TENÓRIO, 2020, p.18); depois procedem à agressão física com vários socos e chutes nas diversas partes do corpo do protagonista.

Entretanto, observa-se que o personagem não reage às agressões, pois não entende a razão das autoridades o tratarem dessa maneira. A ingenuidade de Henrique é tamanha a ponto de não perceber que acabara de ser vítima de preconceito racial. Nessa linha de pensamento,

Ribeiro (2019) ressalta que é necessário identificar como se processa a prática racista em sociedade, a fim de descobrir as formas de combatê-la, pois é a partir de uma conscientização das relações de poder operadas na sociedade que o indivíduo passa a julgar, de modo ético, histórico e crítico a realidade na qual se insere. De fato, a violência tem vários aspectos e pode compreender a agressão física, a mutilação ou ocorrer através de ofensas verbais.

Para Bourdieu (2001), muitas vezes a violência se dilui no cotidiano das relações sociais e as atitudes opressoras acabam sendo praticadas com a cumplicidade entre a vítima e o agressor. Isto porque os sujeitos oprimidos não reagem, ora por se sentir incapaz de combater o sistema de opressão que se opera sobre ele, ora por se sentir inferior ao sujeito que o oprime.

Ao longo da narrativa, percebe-se que a repressão ao personagem ligado ao tom da pele permanece, uma vez que Henrique também é agredido por um dos sócios da empresa de advocacia, onde presta uma entrevista de emprego. O possível chefe, além de fazê-lo esperar propositalmente, também diz com bastante naturalidade que não gostava de negros: “até aquele momento você nunca havia sofrido racismo, assim, tão descaradamente, não que você se lembre. Mas você não se chocou, pois uma espécie de inércia tomou conta do seu corpo, você não sabia reagir. (TENÓRIO, 2020, p. 20-21).

Diante das diversas experiências discriminatórias, o sujeito ficcional vai tomando consciência, de modo bastante lento e gradativo, das opressões sofridas. A princípio, Henrique assimila as atitudes racistas que se operam no seu cotidiano, depois toma consciência da necessidade de se posicionar frente ao problema e depois reage.

A condição de homem negro só passa a ser analisada por Henrique depois de sua convivência com Juliana, uma ex-namorada, de pele branca, ruiva, de dezessete anos e residente de Gravataí, pois todas às vezes que saía com ela para lugares diversos, as pessoas tanto o olhavam com indiferença, quanto proferiam o seguinte discurso: “*uma branquinha daquela com um neguinho desses, ha ha, não, não podia ser*” (TENÓRIO, 2020, p.28). Observa-se pelo estranhamento das pessoas diante da junção do branco com o negro juntamente com a gargalhada expressa no trecho acima, a associação de atributos morais e intelectuais próprios a cada raça, salientando-se uma posição superior ocupada ideologicamente pela moça branca e inferior pelo rapaz negro.

Isso se confirma, posteriormente, na fala do narrador quando afirma que, ao entrar sozinho em uma loja, Henrique recebia um tratamento frio e desconfiado por ser negro, mas, quando estava com Juliana, os vendedores o tratavam bem, pois para eles “uma mulher branca com um negro, ele deve ser um bom homem” (TENÓRIO, 2020, p.30). Embora o protagonista

perceba o tratamento discriminatório, prefere calar-se, posto que estar com uma mulher branca dava-lhe a sensação de não ser um sujeito qualquer diante dos outros. Essa atitude excludente em relação ao protagonista confirma um aspecto violento da vida social: que se os sujeitos negros estiverem acompanhados da raça branca serão aceitos, entretanto, se forem julgados por seus atributos serão discriminados.

Sobre esse lugar silenciado, Ribeiro (2019, p. 75) ressalta que os “grupos oprimidos só podem se identificar com o discurso dominante e nunca serem capazes de pensar as próprias condições de opressão a que são submetidos”. Por outro lado, a autora também afirma que a falta de reflexão e de posicionamento crítico acerca desse tipo de violência constituem uma das bases para a prática dessas perversidades, pois ao passo que esse sujeito não questiona essas barbaridades, acaba compactuando com as injustiças contra grupos sociais vulneráveis.

Além de Henrique sofrer preconceito na rua, devido à cor de sua pele e relacionar-se com uma moça branca, também passa a ouvir diversos discursos estereotipados sobre negros, proferidos pelos familiares de sua namorada, sem questioná-los. Para o personagem, esses comentários constituíam-se tanto em uma maneira íntima de tratamento, quanto uma forma de ser aceito naquele grupo. Vejamos:

[...] disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que devia jogar bem futebol, que os negros são bons no atletismo. [...] Que os negros são ruins como nadadores, *já viu algum negro ganhar medalha olímpica na natação? Agora, olhem lá nas corridas. Vocês ganham tudo. É porque desde cedo aprendem a correr dos leões na África, não vê como aqueles quenianos sempre ganham a São Silvestre?* (TENÓRIO, 2020, p. 29).

Verifica-se no trecho acima, que o personagem é obrigado a lidar com imagens preconcebidas sobre o estado de ser do negro, tais como: resistência corporal, as relações históricas etc. Esse vigor físico também é analisado em relação ao desempenho sexual, pois Juliana passa a ser questionada pelas primas e amigas sobre sua intimidade com Henrique: “*e então, como ele é? Tem pegada mesmo, como dizem dos negros? E o pau dele? É grande? É verdade que eles são insaciáveis? Qual o cheiro dele?*” (TENÓRIO, 2020, p.29-30). A ideia de que o namorado de Juliana, por ser negro, era insaciável, com o órgão genital grande e que emitia um cheiro diferenciado, associa-o à condição de animal. O personagem, reduzido ao desempenho de um pênis, é reificado e desumanizado, sobrando-lhe apenas a desconstrução de uma masculinidade estabelecida pela cultura.

Além dessa representação animalesca do corpo negro masculino, também percebemos por meio das vivências de Martha, mãe de Pedro, que o corpo da mulher negra é visto ora apto para as atividades domésticas: “*uma moreninha forte igual a você pode ajudar bastante*” (TENÓRIO, 2020, p. 79); ora como predadora sexual e prostituta. É o que podemos ver no discurso de dona Maria, quando analisa os barulhos noturnos produzidos no ato sexual pelo filho Vitinho e a nora:

[...] chamou-lhes a atenção por causa dos barulhos noturnos e disse que ali era uma casa de respeito e não um puteiro, que, se minha mãe estava acostumada a gritar daquele jeito quando andava perdida por aí, que ali tenha que respeitar porque eles eram cristãos, iam à igreja e zelavam pela moral. Já tinha ouvido que as pretas eram assim, mas assim já é demais, comentou dona Maria com o marido, certa vez, antes de irem dormir (TENÓRIO, 2020, p.79).

Fica claro no discurso de dona Maria que a visão do corpo negro feminino está atrelada ao erotismo das prostitutas, cuja comportamento opunha-se a moral e aos costumes pautados na religião cristã. Essa mesma ideia do corpo negro relacionado à sexualidade exagerada fica evidente na fala de Vitinho, quando questiona Martha sobre a forma como expressa o prazer na relação sexual:

[...] ele deu uma boa olhada na minha mãe e perguntou onde ela havia aprendido aquilo. *Aprendido o quê?, ela quis saber. Aprendido a trepar como uma puta*, ele disse. *Porque nunca vi uma moça virgem gemer daquele jeito na cama, mexer daquele jeito, onde você aprendeu isso, sua piranha?*, ele perguntava com os olhos estalados. *Meu pai bem que me avisou que as pretas não prestam*” (TENÓRIO, 2020, p.100).

A personagem é analisada a partir de um padrão em que a mulher se posiciona como um sujeito passivo nas relações sexuais, cabendo apenas às prostitutas a expressão do prazer. Ao mesmo tempo, Vitinho considera a posição ideológica da mulher negra como sujeito obsceno, devasso, dentro dessa mesma construção moral da sexualidade.

De acordo com Foucault (1988), a sexualidade opera-se a partir dos discursos sociais que regulam, normatizam e estabelecem as verdades sobre o sexo. Nesse sentido, observa-se que a personagem enquanto negra ocupa uma posição inferior que funciona como reforço à violência de gênero. Ao vivenciar plenamente a experiência erótica, Martha sofre as pressões psicológicas, provocados pelo companheiro que tenta dominá-la pela força física, mas ela se defende.

O jogo de tensão acarretado pelas ações preconceituosas praticadas contra os personagens negros reforça o rebaixamento e o desprezo pelo senso comum da negritude, o que

nos obriga a insistir na ideia de que o racismo produz seus efeitos na subjetividade do indivíduo e está ligado às particularidades do objeto cultural. Esse dado, reposto para estrutura do romance nos conduz a comportamentos sociais, ora internalizados, ora criticados pelo narrador e por Henrique.

O narrador reforça que seu pai havia assimilado uma série de comportamentos de efeito social que comprovam a desigualdade entre negros e brancos. Nessas circunstâncias, Henrique acaba silenciando diante dessas repressões, como podemos ver no fragmento a seguir:

[...] toda aquela vontade de ficar calado, que toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele[...] seu receio, de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: *não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego* (TENÓRIO, 2020, p.88).

Na citação acima, percebemos que o protagonista movimenta-se em torno de um comportamento modelo para o negro, capaz de orientá-lo dentro das estruturas da sociedade. Esse paradigma cultural manifesta-se de forma abstrata na conduta dos sujeitos e, talvez por isso, Henrique considere a hipocrisia que reveste o discurso social em relação à pele negra, bem como a dúvida que paira sobre as capacidades que legitimam suas capacidades intelectuais. Vejamos:

Quando uma pessoa branca nos elogia, nunca saberemos se aquilo é sincero, ou apenas uma espécie de piedade, ou para não se sentir culpada, ou mesmo para não ser acusada de racismo, não sabemos avaliar nosso fracasso. Porque é tentador atribuir as nossas fraquezas e nossas falhas ao racismo (TENÓRIO, 2020, p.85).

Com base no fragmento transcrito, observamos que o racismo naturaliza o olhar dos grupos privilegiados, assegurando as formas de opressão. Ao mesmo tempo, o sujeito marginalizado tenta legitimar o seu lugar e as suas lutas contra as injustiças que limitam as suas ações.

Assim, na fatura do romance, percebe-se que Henrique assume uma atitude diferenciada em relação às expressões racistas depois de conhecer o professor Oliveira, que explica os significados da negritude. A partir de então, o protagonista não mais suporta ser tratado por sua cor no labirinto afetivo, salientando a sua identidade social, como podemos ver no trecho a

seguir: “*não sou teu negro, não sou teu preto. Meu nome é Henrique*” (TENÓRIO, 2020, p. 35).

É importante ressaltar que o sujeito ficcional considera que a cor da pele é um atributo que carrega estereótipos ligados aos efeitos de hegemonia e reduz o negro a um lugar social específico, marcado pelo silenciamento e pela opressão. Ao mesmo tempo, analisa a violência, exercida de forma simbólica ou física sobre os negros, que se tornam vulneráveis ao racismo. Para o narrador, a vida é: “[...] um tumulto vital com o qual você tem de lidar apesar da cor da pele. Você não só mostra que é capaz, como também precisa mostrar que é sempre melhor” (TENÓRIO, 2020, p.86).

De acordo com os apontamentos do narrador, a condição negra permanece sob o julgamento dos outros muito mais que de si mesma, exigindo do sujeito oprimido um desempenho superior, a fim de garantir o respeito necessário à sua conduta na sociedade.

Nesse mesmo ponto de vista, o narrador garante que o racismo impõe à pessoa negra uma condição de duplo sofrimento: uma como sujeito e outra como representante de uma raça. Enquanto negro, ele tem que enfrentar os estereótipos ligados à sexualidade, ao comportamento social e às características biológicas, assim como os mitos raciais e as falsas verdades ocultas nas ideias generalizadas que circulam na sociedade. O narrador ressalta que: “[...] por mais que você derrube as ilusões, sobrar sempre aquela dúvida sobre suas reais capacidades. E essa é a perversidade do racismo. Porque ele simplesmente te impede de visitar os próprios infernos” (TENÓRIO, 2020, p.86). Ao evidenciar as condições a que se submete o sujeito ficcional dentro da condição social do racismo, o narrador revela as injustiças e as arbitrariedades praticadas por aqueles que detém o poder nas estruturas sociais.

Enfim, ao abordar o racismo, Jeferson Tenório chama a atenção para as intrincadas relações interraciais e a necessidade de enxergar o sujeito negro com olhos livres do preconceito, dos mitos e dos estereótipos, alimentados pela sociedade. Tal análise possibilita vermos o negro não apenas enquanto corpo, mas também como ser humano complexo, que luta pelo reconhecimento social e pelo direito de exercer a cidadania em um país racista.

Considerações finais

Diante do exposto neste artigo, é possível afirmar que o narrador de *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório traz à tona uma série de práticas sociais que ofendem a dignidade e os valores da pessoa humana através da história de um homem negro abalado pelos conflitos

existenciais de sua condição racial, mostrando, assim, os diversos estereótipos que o inferiorizam.

Sua narrativa é inovadora por trazer para o centro um homem negro, cuja vida representa um processo de luta, sofrimento, libertação e, dessa forma, promover a discussão das práticas de racismo na sociedade brasileira, assim como as formas de enfrentamento por meio dos conflitos da vivência de um professor de pele negra e realidade social marcada por tensões e rasuras.

No plano ficcional, Henrique e Martha reagem de formas distintas ao processo de inferiorização, causado pelo racismo. Enquanto essa acomoda-se à situação inferiorizada histórica e socialmente, Henrique assume posições críticas diferenciadas à medida que toma consciência de seus direitos enquanto negro.

Destarte, esse estudo confirma a capacidade de reflexão e denúncia do referido romance no cenário das discussões contemporâneas sobre a democracia racial, cujas ações camuflam os conflitos das pessoas de pele negra, reduzindo a problemática de forma deslocada sem, contudo, analisá-la num contexto de relações em que se firma.

Dentro desse contexto de desigualdade racial, que elimina simbolicamente o outro por meio de padrões e estereótipos, o “corpo negro será sempre um corpo em risco” (TENÓRIO, 2020, p.184), afetando-se em sua identidade social, em sua subjetividade e em seus valores. Cabe, entretanto, à Literatura, enquanto arte de discussão dialética das condições existenciais do homem, tornar singulares essas vozes negras, a fim que sejam ouvidas e, através delas, revelem-se os riscos das opressões, da violência e da intolerância.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.07-16.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31, p.87-110, 5 jan. 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** 1: a vontade de saber. 3. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SCOTT, Paulo. [Orelha do livro]. In: TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.



ABRANTES, Francisca Luana Rolim; LINS, Risonelha de Sousa. “Corpo Negro, Corpo Em Risco”: Uma Leitura das Complexas Relações Raciais em O Avesso da Pele, de Jeferson Tenório. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Fevereiro/2021, vol.14, n.54, p. 478-488. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 17/02/2021;

Aceito: 22/02/2021.